

## **Sinfonia do fim: podcast narrativo e seus diálogos com o Antropoceno<sup>1</sup>**

Luíza Lago Zauza Borges Pereira<sup>2</sup>

Andriolli Costa<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

### **RESUMO**

Por meio de um estudo de caso do primeiro ato do episódio “Ter que levantar a voz” do podcast *Rádio Novelo Apresenta*, este trabalho investiga as potencialidades técnicas e criativas do podcast narrativo diante das mudanças reivindicadas pelo Antropoceno. A exploração humana do planeta desestabiliza não só a estrutura climática e biológica da Terra, mas também convicções ontológicas primordiais, exigindo uma nova configuração dos termos com os quais se pensa e se narra a história, o tempo e a relação entre os seres. Graças a isso, o podcast narrativo revela um meio capaz de inovar a linguagem radiofônica e jornalística a ponto de canalizar as urgências do Antropoceno.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antropoceno; podcast narrativo; Rádio Novelo; urgência climática; jornalismo narrativo.

### **INTRODUÇÃO**

Apenas 89 segundos nos separam da meia-noite. Em janeiro de 2025, o Boletim dos Cientistas Atômicos moveu os ponteiros do Relógio do Juízo Final para o mais próximo de seu limite desde sua criação em 1947. A contagem simboliza a quão próxima está a espécie humana da extinção, mensurando metaforicamente fatores de risco cruciais para a auto aniquilação. O anúncio mais recente destaca uma teia complexa de tensões simultâneas, como ameaças nucleares, conflitos militares e até os perigos tecnológicos derivados da inteligência artificial.

Uma preocupação em particular, porém, aparece no centro dessa decisão de nos aproximar do abismo: o colapso climático. A cada dia que passa, a perspectiva do “não retorno” é mais tangível, sentida na pele pelos recordes contínuos de temperatura, pelo nível mais alto dos mares e pela perda de cobertura vegetal e biodiversidade animal. A espécie humana se tornou uma força decisiva no funcionamento do planeta na medida em que sua interferência no esquema biológico e nos processos geoquímicos da Terra mostra-

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Podcasting e jornalismo: gêneros, formatos e narrativas em transformação, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da FCS-UERJ, email: [luizalzbp@gmail.com](mailto:luizalzbp@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor adjunto da Faculdade de Comunicação Social da Uerj, Doutor em Comunicação e Informação pela UFRGS, mestre em Jornalismo pela UFSC, email: [andriolli.costa@uerj.br](mailto:andriolli.costa@uerj.br)

se inescapável, vasta e duradoura. Da constatação desse poder de transformação brutal, climatologistas, ecólogos, geólogos e outros cientistas do sistema Terra formularam, então, um nome capaz de representar essa nova era de extremos marcada pela influência humana: Antropoceno – termo sugerido pelo ecólogo Eugene F. Stoermer e seu colaborador, o químico Paul J. Crutzen, no início dos anos 2000 (Bonneuil e Fressoz, 2024).

Se a ideia inicial dessa dupla de pesquisadores era modificar nosso status geológico – isto é, aferir nossa saída do Holoceno, a era mais recente do calendário geológico, e oficializar nossa entrada no Antropoceno –, hoje, as discussões sobre o Antropoceno ultrapassaram essa etapa de reconhecimento e validação formal dentro da estratigrafia<sup>4</sup> para serem adotadas como uma nova perspectiva a partir da qual se observa e se avalia o humano, a natureza e a história. E nem um pouco distante desse panorama emergente está o jornalismo, mais precisamente o jornalismo narrativo em podcast.

Uma série de características substanciais dessa modalidade radiofônica, ainda que expandida (Kischinevisky, 2016), garantem um formato pertinente e compatível com as transformações provocadas por essa nova etapa de urgências. Este trabalho, desse modo, dedica-se a compreender os cruzamentos entre as exigências do Antropoceno e a produção jornalística elaborada a partir de critérios narrativos e da mídia podcast. Para isso, bem representativo dos desafios que ambos os fenômenos parecem provocar um no outro, o episódio “Ter que levantar a voz” do podcast semanal *Rádio Novelo Apresenta* se enquadra como o objeto ideal para este estudo de caso. Dividido em dois atos, reunidos por um tema condutor, o programa inicia com a reportagem intitulada *O som do silêncio* – foco desta análise – cuja pauta destaca os efeitos da poluição sonora na paisagem aquática da Baía de Guanabara. Essa interferência causada pelos humanos transformou – pouco a pouco, mas por definitivo – as formas de se comunicar dos botos-cinza que ainda vivem nesse corpo d’água na cidade do Rio de Janeiro.

Da mesma maneira que o jornalismo, em sua forma textual gestada como literária, não é estranho aos anseios de relatar tendo em vista renovados parâmetros de produção,

---

<sup>4</sup> A estratigrafia é o um dos ramos de estudo da geologia responsável por descrever e classificar camadas rochosas com o objetivo de classificá-las espacial e temporalmente, reconstruindo, assim, a ordem e a duração dos grandes eventos ocorridos na Terra. São os integrantes da Subcomissão de Estratigráfica do Quaternário dentro da União Internacional de Ciências Geológicas que votam e decidem sobre a formalização de épocas geológicas. Em março de 2024, o Antropoceno foi vetado sob a justificativa de que não há marcas e transformações profundas o suficiente para caracterizar o início de uma nova era.

o jornalismo narrativo em podcast apresenta peculiaridades técnicas e propostas de conteúdo que conseguem, em muito, distender os esforços inspirados na construção ficcional desse tipo de reportagem. Em especial no que diz respeito às liberdades estéticas proporcionadas pela contação de histórias, como a descrição rica e expressiva de situações, personagens e ambientes, e o deslocamento dos pontos de vista narrativos – humanos e não-humanos.

Esses elementos permitem ainda que o formato se aproxime do que encorajam os pesquisadores mais experimentais do Antropoceno. Dentre eles, Bruno Latour (2020) descreve esse acontecimento como “uma profunda mutação em nossa relação com o mundo” (2020, p.24), um sintoma que extrapola as mudanças físicas, materiais e quantificáveis do planeta como a sexta extinção em massa das espécies, a acidificação dos oceanos e a concentração dos gases do efeito estufa. Em outras palavras, a dimensão catastrófica da influência antropocêntrica ergue um quadro de colapso climático e ecológico que nos obriga a fechar uma fenda antiga: a cisão entre natureza e cultura; entre humanos e outros entes planetários; e entre o tempo da história e experiência humanas e o tempo profundo e extenso da biologia e geologia terrestres.

Foi essa forma binária e isolada de enxergar o mundo, baseada num prisma de eterno e linear progresso – guiado pela convicção da soberania e autossuficiência humanas perante uma natureza inerte e ilimitada em recursos produtivos – que forjou uma relação hierárquica entre humanos e não-humanos. Ao se afastar de sua responsabilidade e sua condição como espécie, logo como um integrante da natureza tanto quanto rios, oceanos, florestas e plantas, a humanidade se colocou num patamar superior às outras formas de vida e até entre iguais. Agora, enfrenta a necessidade urgente de se libertar dessas divisões ontológicas nocivas sobre as quais caminhou em direção ao autoextermínio – e cuja origem Bruno Latour (2020) rastreia até o pensamento moderno.

Para encarar esse novo regime climático, dessa forma, Donna Haraway (2023) convoca um emaranhamento entre diferentes seres e domínios e uma vinculação com todo tipo de agente não-humano, idealizando relações mais cooperativas, horizontais e recíprocas. “Imaginar” é a palavra-chave desse convite a um recomeço que Haraway (2023) chama de “ficar com o problema”. Para habitar as ruínas inescapáveis e desconhecidas do nosso estado de emergência, e para estabelecer – como resposta a um presente turbulento e como compromisso para a posteridade – um mundo de coexistência

colaborativa e sustentável, é necessária uma transformação na maneira como pensamos, narramos e nos tipos de pensamentos e histórias que cultivamos. Isso porque, explica a pensadora estadunidense, “importa quais pensamentos pensam pensamentos. (...) Importa quais histórias contam histórias” (2023, p.66). Mudar o fundamento e os termos do pensamento é imprescindível, dessa maneira, para que finalmente “a prática de contar histórias já não possa ser confinada à caixa da excepcionalidade humana” (2023, p.73). Uma atitude que, em tempos de urgência, garante a imaginação de novas doutrinas e o florescimento de narrativas coletivas, gerativas e com múltiplos protagonismos de diferentes ontologias.

O que, então, parece estar no cerne da discussão levantada por Haraway (2023) – e por Latour (2020), cada qual com seu nível de aprofundamento e arcabouço conceitual – é a disposição aberta pela era atual de novas práticas agregadoras e de uma renovação dos relatos, das narrativas e da narração. Mesmo que ambos recorram e assumam o dispositivo ficcional como fundamental nesse processo, a provocação desenvolvida por esses estudiosos oferece, até mesmo em face de seu caráter imaginativo, um conjunto de orientações e alternativas instigantes para construir um jornalismo que não somente incorpore as vozes ignoradas e silenciadas de outros seres, mas perdue perante o Antropoceno.

Reportar a partir de um ponto de vista narrativo – ou literário – requer um investimento íntimo e extenso tanto do lado da apuração, quanto da organização das informações reunidas. Reportar narrativamente tendo em vista uma mídia predominantemente sonora, como o podcast, por outro lado, garante um mergulho ainda mais profundo. Isso porque os recursos envolventes e simbólicos desse tipo de texto se somam à força essencialmente imersiva da experiência auditiva e às peculiaridades do radiojornalismo moldado ao podcasting – dentre eles sua natureza assíncrona, sob demanda, descentralizada, independente, periódica e potencializada pelos meios digitais (Viana, 2023).

Graças a esse conjunto de influências, em especial as que sinalizam a identidade e o potencial inventivo do podcast, a produção jornalística narrativa pensada para essa estrutura é conduzida a um nível de abrangência temática e trabalho estilístico diferentes da condução radiofônica tradicional (Viana, 2023). Em muitos sentidos, mais aperfeiçoada e sedutora. Não à toa foi com esse tipo de programa que a Rádio Novelo se

consolidou como uma referência na podosfera e no mercado midiático atual. Um de seus mais bem-sucedidos projetos, inclusive, o conhecido *Rádio Novelo Apresenta*, segue a cartilha que tornou célebre a produtora de podcasts carioca — valorizar as pautas encontrando histórias inusitadas e apostando em um tratamento narrativo e, em momentos, ensaístico do material. Um compromisso que, perante o episódio escolhido para esta investigação, conversa com as preocupações e as tentativas em considerar outras perspectivas em meio a uma emergência impossível de escapar ou abandonar. O uso criativo dos elementos sonoros, como o silêncio, e jornalísticos, como a entrevista, a descrição de cenas e a ambientação, se fundem no ato *O som do silêncio* e acercam um tema e assunto até então distantes e especulativos.

A partir de um estudo realizado por biólogos norte-americanos logo após o 11 de setembro, a reportagem pavimenta o caminho para uma discussão sobre bioacústica e comunicação animal, mais especificamente a dos animais marinhos. A relevância do som para camarões, corais, baleias e golfinhos está diretamente relacionada à capacidade desses bichos de realizarem suas funções vitais e hábitos diários através de uma troca comunicativa especializada nesse tipo de sentido sensorial. “É toda uma sinfonia biológica”, descreve a apresentadora Branca Vianna, que, apesar do alcance limitado de compreensão humana, relatam mensagens e expressam recados.

A oceanógrafa entrevistada Lis Bittencourt, ao descrever o funcionamento do aparelho auditivo e coro comunicativo dos cetáceos, não somente penetra o ouvinte num universo dotado de sentimentos e juízo, como defende Haraway (2023) – os diferentes sinais comunicativos de cada tipo de boto cinza são traduzidos e humanizados pela repórter Ana Pinho como “sotaquinhos”. Ao incluir conversas subaquáticas captadas por hidrofone, a construção narrativa do episódio também desmancha a fronteira erguida entre mundo animal e humano, seja equiparando a aptidão para vivenciar experiências sensíveis e racionais nesses dois reinos, seja colocando em evidência a trama inseparável entre natureza e cultura, entre as condutas humanas e o ecossistema terrestre.

Isso se elucida mais claramente quando Ana Pinho e Branca Viana demonstram o problema complexo e multifatorial da poluição sonora com o tráfego marinho, a prospecção de petróleo e a dependência de combustíveis fósseis. É graças aos ruídos constantes e ensurdecadores das atividades de trânsito e exploração marinhas que os botos-cinza na Baía de Guanabara são obrigados a “gritar” – por isso o título “Ter que

levantar a voz” – e se adaptar a novas e mais altas frequências sonoras para se comunicar, disputando seu habitat com o barulho e sofrendo com o estresse e a fadiga imunológica dessa adequação forçada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo, enquanto o tamanho da interferência humana é retratado, a voz dos botos, de maneira até mesmo metanarrativa, despontam como o centro da narrativa. Coloca-se duplamente em prática, então, não apenas o caráter imersivo da experiência sonora – ao acrescentar na matéria áudios da comunicação senciente dessa e de outras espécies marinhas –, mas também as reflexões encaminhadas do Antropoceno – ao reconhecer as subjetividades desses animais e confrontar a existência expandida e interligada entre natureza e cultura e humanos e não-humanos.

Nota-se, assim, que o podcast narrativo pode funcionar como um meio capaz de amplificar, através de suas potencialidades, as dimensões que almejam os estudos do Antropoceno. É o envolvimento interativo, abrangente e imaginativo do som e da audição, combinado com o trabalho jornalístico aguçado, que parece conferir um espaço de manifestação clara e criativa dos imperativos de um mundo ameaçado em que, como adianta Krenak (2019), poder contar mais uma história é a medida para adiar o seu fim.

## REFERÊNCIAS

BONNEUIL, Christophe; FRESSOZ, Jean-Baptiste. **O acontecimento Antropoceno: A Terra, a história e nós.** São Paulo: Quina Editora, 2024.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno.** São Paulo: N-1 Edições, 2023.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOURE, Bruno. **Diante de gaia: Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno.** São Paulo: Ubu Editora, 2020.

TER que levantar a voz. Rádio Novelo Apresenta, 7 nov. 2024. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2Qv464pipvbRgJT8Wu30Sp?si=0f349e172d354512>. Acesso em: 7 nov. 2024.

VIANA, Luana. **Jornalismo narrativo em podcast: imersividade, dramaturgia e narrativa autoral.** Florianópolis: Editora Insular, 2023.